

# Parabéns, Brasília

**A**os 38 anos de idade, que completa no próximo dia 21, Brasília vive o drama e os desafios de metrópoles bem mais antigas e estratificadas. Há nisso aspectos positivos e negativos. De um lado, é uma cidade amadurecida, plenamente apta ao cumprimento de sua missão constitucional, de sediar os Poderes da República e o Corpo Diplomático internacional aqui acreditado.

É uma cidade dotada de boa estrutura de serviços urbanos, moderna, que oferece qualidade de vida à classe média superior às demais cidades brasileiras. Os diplomatas que aqui vivem surpreendem-se com o padrão de serviços que encontram, comparável, em linhas gerais, aos de cidades do Primeiro Mundo.

De outro lado, porém, Brasília exhibe problemas semelhantes aos de cidades não planejadas, que pagam o ônus do crescimento desordenado. Concebida por urbanistas e arquitetos, imaginava-se que teria seu desenvolvimento sob permanente controle, dentro dos padrões originalmente projetados. Não foi, porém, assim.

Estimava-se, nos anos iniciais da vida da nova capital, que teria no máximo quinhentos mil habitantes na virada do século, distribuídos racionalmente ao longo de seu território. A cidade tem hoje quatro vezes mais gente e não se pode dizer que a distribuição da população em seu território foi exatamente racional.

Projetou-se que a cidade estaria cercada por um cinturão verde, que lhe garantiria abastecimento de gêneros agrícolas a baixo custo e lhe asseguraria paz, prosperidade e empregos nas áreas periféricas. Quanto a isso, convenhamos, a cidade não poderia dissociar-se da realidade brasileira e do padrão concentracionista que caracterizou seu desenvolvimento nas últimas três décadas.

Brasília é, sobretudo, Brasil — e convive hoje com bolsões de miséria em sua periferia, tal qual as principais metrópoles do país. Enfrenta problemas no uso de seu solo urbano e não conseguiu realizar o sonho do cinturão verde. Os condomínios urbanos impuseram-se à cidade em decorrência da omissão do Poder Público. São hoje uma realidade que precisou ser absorvida pelo governo, por já não ser possível revogá-la.

Em parte, a cidade paga o preço de não ter desfrutado, durante as três primeiras décadas de existência, de autonomia política. Era governada de fora para dentro, por gente que com ela não tinha maiores compromissos. A autonomia política da capital teve este mérito: colocou na agenda dos governantes as demandas prioritárias da população, que passou a ter vez e voz na gerência de seu espaço urbano.

A autonomia, no entanto, gerou também efeitos colaterais, na medida em que passou a estimular ações populistas, em regra predatórias. A política de distribuição de lotes urbanos, por exemplo, foi um gesto eleitoral irresponsável, que agravou o processo de migrações desordenadas e ampliou os espaços de carência social na capital.

Em busca de um falso paraíso, migrantes de regiões mais pobres, sem qualquer especialização profissional, acorriam a Brasília. Não encontrando aqui o que procuravam — não havia lotes para todos —, ocupavam as ruas da cidade, criando bolsões de mendicância, violência, prostituição e delinquência infantil.

Houve numerosos casos de prefeituras do interior do Norte e Nordeste que, entre o final da década passada e o início desta, embarcaram mendigos em ônibus, com passagem só de ida, rumo a Brasília. A cidade pagou — e ainda paga — alto preço por tudo isso.

Não é casual que tenha inchado em tempo recorde sua periferia e enfrente hoje desafios no campo da criminalidade e da violência urbana. A cidade não estava preparada para esse crescimento. Foi concebida para funcionar como sede da burocracia estatal federal — nada mais. Não é pólo industrial, nem se sabe se um dia o será.

Essa discussão é tão antiga quanto a cidade e enfrenta numerosas resistências. Registre-se, porém, que, no campo dos serviços, a cidade auferiu grandes progressos e hoje emprega considerável contingente de mão-de-obra. A redemocratização do país, quanto a isso, desempenhou também significativo papel, conferindo ao Congresso Nacional importância decisiva no processo de decisões e atraindo para cá o interesse de numerosas empresas dos grandes centros financeiros e industriais nacionais e internacionais.

Brasília, porém, está longe de ser apenas instância institucional do país. É possivelmente a unidade federativa que mais avançou em conquistas da cidade. Sua população exibiu, em mais de uma oportunidade, singular capacidade de mobilização e senso crítico.

A campanha pela paz no trânsito, sucedida agora por mobilização análoga por paz nas ruas, evidencia que a cidade sabe defender os seus interesses. Foi a partir de Brasília que se desencadeou nacionalmente movimento contra a barbárie nas ruas e estradas do país.

O movimento reduziu de tal forma o número de vítimas que acabou sendo reproduzido em diversas outras cidades brasileiras, resultando na elaboração do novo Código Brasileiro de Trânsito, cujos efeitos benéficos têm sido proclamados por especialistas e reconhecidos pelo conjunto da população em todo o país.

Brasília soube exercer o papel que lhe cabe, como vitrina da nacionalidade, de sentinela avançada da cidadania. A violência urbana, desafio que lhe está presentemente posto, é resultado de distorções históricas no processo político-econômico do país.

Concentração de renda, abandono do meio rural, desequilíbrio federativo, escassos investimentos em educação são alguns dos fatores que moldaram um país marcado por disparidades de toda ordem.

Brasília, como de resto todas as cidades brasileiras, espelham essa triste realidade. O dado novo, porém, é que Brasília mostra-se disposta a desafiar esse problema, a equacioná-lo ou ao menos reduzi-lo a proporções mais razoáveis, que permitam convívio civilizado.

A campanha por paz nas ruas marca as celebrações deste 38º aniversário e é mais um sinal de maturidade que a cidade exhibe ao país. Não basta protestar e pedir providências. É preciso agir, mobilizar as instituições da sociedade civil — sindicatos, associações, igrejas, comunidades, administração pública.

Esse desafio é de todos e não pode ser negligenciado. Não há maneira mais criativa e estimulante de festejar o aniversário de uma cidade nascida de um sonho — o sonho de Dom Bosco, materializado por Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro — que esta: lutando para melhorá-la.